

INFLUÊNCIA DA EMPATIA NAS RELAÇÕES E APRENDIZAGENS DA EDUCAÇÃO INFANTIL

BROCHSZTEJN, Samantha ¹
SANTOS, Valério Xavier dos ²

RESUMO

A estrutura cerebral produz atividades e comportamentos que levam à aprendizagem, no entanto a emoção e afetividade estão entre esses componentes da empatia, que significa se colocar no lugar do outro para melhor entender a situação. O objetivo desse estudo foi identificar de que forma a comunicação e fala com empatia podem contribuir para o desenvolvimento da aprendizagem na fase da educação infantil. Para tal, foi utilizada como metodologia a revisão de literatura com estudos das últimas duas décadas, com abordagem descritiva e análise qualitativa. Os resultados encontrados demonstram que mais do que saber falar a linguagem infantil, é ainda mais essencial saber escutar e ser capaz de compreender e respeitar os sentimentos das crianças, praticando assim a empatia. Para isso, a literatura tem apresentado alguns exercícios e testes simples que podem contribuir com pais e professores.

Palavras-Chave: Aprendizagem. Empatia. Comportamento. Educação Infantil. Fala.

1 INTRODUÇÃO

As emoções e a afetividade vêm sendo estudadas há muitos anos em relação ao impacto que causam na aprendizagem, mas é também relevante destacar as formas de comunicar os sentimentos para que se estabeleça uma relação clara e se identifique os comportamentos que acrescentam componentes positivos ou negativos, com foco especialmente na aprendizagem durante a primeira infância.

A empatia, que é a forma de perceber esses sentimentos, vem sendo estudada como habilidade social relevante dentro da psicologia para avaliar o desenvolvimento de habilidades sociocognitivas e afetivas (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009).

Pesquisa de Eisenberg demonstrou que as formas de medir as habilidades empáticas são muito diferentes, por isso nem sempre os dados são estatisticamente significativos, mas geram influências positivas na relação e comportamento

¹ Aluna do Centro Universitário Internacional UNINTER. Projeto apresentado como parte do Trabalho de Conclusão de Curso de Psicopedagogia - 2021.

² Professor Orientador no Centro Universitário Internacional UNINTER.

registrados entre crianças de 4 a 7 anos e seus pares, pais e professores (RODRIGUES; SILVA, 2012).

A literatura, no Brasil e no mundo, vem abordando o assunto por meio de diferentes enfoques em relação às formas dos pais e da escola se comunicarem com as crianças. Dentro da abordagem do tema sobre aprendizagem e comportamento na infância, a questão problema apresentada é: Como a empatia influencia o desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil?

Para encontrar a resposta foram realizadas pesquisas com o objetivo de associar a empatia e comunicação com a aprendizagem e relacionamento de crianças na fase da educação infantil. Os objetivos específicos que nortearam esse artigo buscaram demonstrar os conceitos que justificam as diferentes formas de comunicação e relacionamento na infância e discutir como a empatia pode ser trabalhada como ferramenta colaborativa para a aprendizagem na educação infantil.

A metodologia utilizada foi a revisão de literatura. Embora o tema possa ser considerado ainda recente na educação voltada à pedagogia, portanto sem muitas pesquisas acadêmico científicas relevantes, esse entendimento permitiu desenvolver o artigo voltado ao impacto que a comunicação e a empatia podem ter para o equilíbrio no relacionamento com as crianças e o desenvolvimento da aprendizagem na educação infantil.

2 INFLUÊNCIAS DAS EMOÇÕES NA APRENDIZAGEM DA CRIANÇA

A neuropsicologia pode ser explicada por meio da Teoria do Sistema Funcional, decorrente dos conhecimentos de Alexander Romanovich Luria sobre o funcionamento do cérebro, não apenas pelas suas estruturas, mas quanto ao seu modo de integração conforme cada ação ou intenção, que apresenta um nível diferente de funcionamento, decisão ou percepção entre crianças e adultos e apresentando particularidades em cada indivíduo (KRUSZIELSKI, 2021).

O cérebro é um órgão da cognição e da aprendizagem que reúne cerca de 100 bilhões de neurônios, e para ensinar com eficácia é necessário olhar para as conexões entre a ciência e a pedagogia. As descobertas sobre o cérebro e suas funções ao longo do tempo mostra cada vez mais que o processo de aprendizagem não pode ser entendido como algo mecânico, estruturado e engessado para todas as pessoas. Qualquer processo de aprendizagem, seja operativo, social, cultural ou educacional,

demanda que inúmeros neurônios interajam sistematicamente em diversas áreas, hierarquias e conexões (FONSECA, 2014).

Segundo Guerra (2021), a mágica do ensinar e aprender é na verdade resultado da reorganização da estrutura cerebral que produz novos comportamentos a partir da atividade integrada de diferentes conjuntos de neurônios. São eles que estimulam os sentidos através de redes que tornam o corpo todo um instrumento de aprendizagem. As emoções geram grande influência pois impactam a atenção, percepção, memória e as funções executivas. “Aprendemos aquilo que nos emociona”, afirma autora, por isso a empatia é um componente importante que deve ser avaliada quando o assunto é o estímulo à aprendizagem.

Siegel (2015) destaca que o cérebro tem muitas funções diferentes que precisam ser executadas tanto de forma individual, como em trabalho integrado, de forma coordenada e equilibrada, para que atinja objetivos desejados. Quando isso não ocorre, o que é chamado de desintegração, é comum que as crianças e adolescentes fiquem imersas em suas próprias emoções, confusas e caóticas, pois não conseguem reagir de maneira tranquila e competente diante da situação.

“Birras, ataques de fúria, agressividade e a maioria das experiências desafiadoras da criação de filhos – e da vida – são o resultado da perda de integração” (SIEGEL, 2015, p. 27). Uma das grandes descobertas da neurociência nos últimos tempos é que o cérebro é “plástico” ou moldável, portanto, pode ser modificado fisicamente, e não apenas na infância, como se supunha anteriormente, o que ocorre por meio de experiências. Assim, o cérebro pode ser reprogramado, ou seja, melhorado.

As funções cognitivas da aprendizagem têm origem social, como teorizou Vygotsky, e ocorre por meio de um processo que reúne informação, conectividade, sequencialidade e interatividade. Mas outros autores teóricos, como Piaget, Wallon e Ausubel, também apresentaram conceitos que relacionaram a emoção como importante no processo de aprendizagem e formação da memória (SALLA, 2012).

Piaget afirmou que todo o conhecimento é construído a partir das experiências sensório-motoras com o mundo dos objetos, incluindo a linguagem, como um produto da inteligência sensório-motora. Piaget entendeu que dos 2 aos 7 anos é o estágio do pensamento pré-operacional, já Vygotsky entende que os processos inteligentes se iniciam com o surgimento da linguagem, por volta dos dois anos, pois as palavras ajudam a focar melhor a atenção nos objetos e eventos e a formar percepções mais

eficientes, de modo que ela começa a perceber o mundo e adquirir memória interna e dirigir o pensamento e comportamento para o resto da vida, ou seja, é a linguagem que dá origem ao pensamento, e o pensamento é essencialmente verbal (fala interna), ou seja, os pensamentos ocorrem por meio de palavras (ANDRADE; ANDRADE, 2013).

As funções conativas estão relacionadas à motivação, às emoções, ao temperamento e à personalidade. Já as funções executivas coordenam e interagem com as cognitivas e conativas para as ordens do agir aos músculos e das ações mentais, mediante um amplo e diversificado conjunto de competências, como projetar, gerir, antecipar tarefas, realizar testes, organizar, hierarquizar, memorizar e aplicar estratégias, entre tantos outros. Mediante o conhecimento do processo neurofuncional, a psicopedagogia deve ser utilizada para potencializar a educabilidade, mas principalmente voltando ao ponto de que nem todas as pessoas aprendem da mesma forma (FONSECA, 2014).

Há todo um campo da ciência do desenvolvimento infantil e apego dando respaldo a essa visão – e novas descobertas na área da neuroplasticidade reforçam a perspectiva de que os pais podem moldar diretamente o crescimento do cérebro dos filhos conforme as experiências que oferecerem. Por exemplo, horas diante de telas – jogando videogame, vendo televisão, enviando mensagens de texto – programarão o cérebro de determinadas maneiras. Atividades educativas, esportes e música programarão de outras maneiras. Passar tempo com a família e os amigos e aprender sobre relacionamentos, especialmente com interações frente a frente, também programará o cérebro de outras formas. Tudo o que nos acontece afeta a forma como o cérebro se desenvolve (SIEGEL, 2015, p. 30).

Siegel (2015) explica que crianças tímidas podem superar a inibição comportamental ou ter experiências de ansiedade e manter a timidez, conforme a atitude dos pais, que podem encorajar e ser solidários ou proteger excessivamente ou ainda empurrá-los insensivelmente para experiências constrangedoras. Crianças e pais que conversam sobre suas experiências tendem a desenvolver inteligência emocional e compreender melhor com os próprios sentimentos.

A pesquisadora e neurocientista Suzana Herculano-Houzel explica que o circuito cerebral vai se modificando ao longo da vida, mas destaca que dos 0 aos 6 anos é o período em que 90% das sinapses, ou seja, as conexões cerebrais, se estabelecem e formam a base das capacidades físicas, intelectuais e emocionais dos indivíduos (MANIR, 2019).

Embora não seja preciso saber como o cérebro funciona para aprender, como demonstraram os educadores ao longo de muitos anos, o uso e estudo no âmbito da neurociência associada a estratégias pedagógicas e da psicologia cognitiva podem resultar sempre em avanços importantes para a aprendizagem (GUERRA, 2021).

O entendimento do impacto das emoções e relações para o desenvolvimento integral na educação é reconhecido em todos os níveis. A Educação Infantil é a primeira das etapas da educação básica, garantida pela Constituição Federal de 1988, pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB) em 1996, agregando crianças de 0 a 5 anos, já que desde 2006 o ingresso no ensino fundamental foi antecipado para 6 anos. Desde 2009, a educação escolar é obrigatória para todas as crianças e jovens de 4 aos 17 anos.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) normalizou em 2017 o conjunto progressivo de aprendizagens mediante as 10 competências observadas em cada uma das etapas da educação, considerando conhecimentos e habilidades práticas, cognitivas e socioemocionais. O item 9 dessas competências gerais destacam a empatia.

Exercitar a empatia, o diálogo, a resolução de conflitos e a cooperação, fazendo-se respeitar e promovendo o respeito ao outro e aos direitos humanos, com acolhimento e valorização da diversidade de indivíduos e de grupos sociais, seus saberes, identidades, culturas e potencialidades, sem preconceitos de qualquer natureza (BNCC, 2017, Cap. 1).

O conceito de empatia, segundo Evan Thompson (2005 apud SOUZA; RHEINGANTZ, 2006), envolve experiências diferenciadas sobre a percepção sensorial, pois se caracteriza pelo entendimento da experiência do outro sem ter passado diretamente por ela, mas pode ser percebida e compartilhada, como um sorriso que transmite alegria. Os 3 estágios da empatia são: (1) a experiência emerge diante de nós através do outro; (2) nos questionamos sobre o conteúdo da experiência e tentamos compreendê-la pelo ponto de vista do outro; (3) a clareza é completa, a experiência se volta diante de nós, se esclarece e se explica.

As emoções exercem forte influência no processo de aprendizagem, considerando que a educação envolve o ser humano de forma integral. Dessa forma, desempenham um papel importante no desenvolvimento da criança, especialmente os primeiros anos de vida, quando o nível de aprendizagem e relacionamento social está sendo descoberto de forma mais ampla (JESUS;LEMPKE, 2015).

Combinando as definições de diversos autores, Jesus e Lempke (2015) apresentam a emoção relacionada tanto a fatores internos como externos, sendo descrita como uma ponte que liga a vida orgânica à psíquica e que se manifesta como experiências de caráter afetivo, que são motivadoras e influenciam o desempenho.

Pode ser encontrada ampla literatura que aborda a educação de crianças e a relação entre pais e filhos, como Faber e Marlish (1985 e 2003), Azrak (2010), Sayão (2003), além Dayan (2021), sempre buscando associar emoções, empatia e os caminhos para a aprendizagem. É relevante discutir também como esse espaço de fala é realizado na escola durante a primeira infância, que é o primeiro local de convivência fora do ambiente da família e onde a aprendizagem é um objetivo focal claro, mas altamente impactado pelas emoções.

2.1 EMPATIA E FALA NA EDUCAÇÃO INFANTIL

O termo empatia deriva da palavra grega “*empathia*”, que significa “paixão” ou “ser muito afetado”. O conceito de empatia, no entanto, foi se modificando ao longo do tempo e mediante a área de estudo – estética, filosofia, sociologia, psicologia. Mas ganharam grande interesse em temas relacionados às áreas clínicas, sociais e do desenvolvimento, embora se considere grande carência de estudos do tema, entende-se que é de grande importância para o desenvolvimento de habilidades cognitivo-afetivas e a vida em sociedade (SAMPAIO; CAMINO; ROAZZI, 2009).

A empatia é a capacidade de se comunicar, gerar vínculos afetivos, melhorar a qualidade social e comunicativa dos relacionamentos, possibilitando benefícios à vida das pessoas. Essa é a ideia agrupada de diversos autores, como citam Jesus e Lempke (2015), que reforçam as características de ter habilidade para se relacionar e compreender as emoções, sentimentos e reações do outro em busca de uma aprendizagem significativa.

Mais do que saber sobre emoções e empatia, é entender como se dá a comunicação para que esses pontos sejam acessados e entendidos. No livro *Como educar meu filho?*, Rosely Sayão (2003) expõe em seus artigos de jornal situações e comportamentos de pais, filhos e educadores, principalmente destacando questões que envolvem falta de comunicação ou de atitude educadora, seja em casa e na escola, influenciada pelas emoções e a educação familiar, mas que impactam no decorrer da vida de todos.

Dessa forma, no ambiente educacional, é fundamental que os educadores possuam conhecimentos prévios das etapas de desenvolvimento emocional e de como podem favorecer a aprendizagem. Constantino (2003, p. 30) afirma que “as crianças reproduzem na escola suas experiências emocionais”, portanto é relevante que os educadores conheçam as características individuais dos seus alunos para que possa auxiliá-los a superar as dificuldades apresentadas na vida social e familiar, contribuindo para o processo de ensino/aprendizagem.

Como previsto na própria BNCC, a aprendizagem na infância é associada à brincadeira, que é uma importante forma de manifestação das emoções, como revelaram Melanie Klein e Friedrich Froebel, seja direcionado ao âmbito da psicanálise ou da pedagogia, visando o desenvolvimento integral das relações sociais, culturais, cognitivas, de espaço e de aprendizado como um todo (BNCC, 2017; FROEBEL, 2011; FELICE, 2003).

Segundo Rodrigues e Silva (2012), por muito tempo a empatia foi focada apenas em aspectos afetivos-cognitivos, mas na atualidade já é entendido que o fator comportamental também deve estar integrado. A questão afetiva remete ao compartilhamento das emoções enquanto o comportamental está associado à compreensão dos que é vivenciado pela outra pessoa, o que pode ocorrer em comunicação verbal ou não-verbal.

Moreira (2010, p. 20 *apud* JESUS; LEMPKE, 2015) diz que “o desenho é para a criança uma linguagem como o gesto ou a fala” e deve ser estimulado como uma forma de expressão de suas tristezas, medos, descobertas, alegrias e outros sentimentos, que muitas vezes não consegue expressar de outra forma, mas que estão reunidos em seus pensamentos e sentimentos.

A linguagem da empatia não é única e nem apresenta uma fórmula para todas os adultos e crianças, sendo inclusive muitas vezes difícil de identificá-la. Azrak (2010, p. 17) diz que aprender o “criancês”, o que as mães e pais tentam desde os primeiros dias de comunicação com seus filhos, significa antes de tudo importa-se com os seus sentimentos e harmonizar uma comunicação, que pode até mesmo se configurar apenas por um “silêncio acolhedor”, mas com escuta atenta ou apenas uma palavra “Oh..., Hum ou Sei”.

A escuta atenta é o ponto central do livro “Como falar para seu filho ouvir e como ouvir para seu filho falar”, das autoras Faber e Marlish (2003), que há duas décadas faz sucesso nos Estados Unidos e em outras partes do mundo. O foco é

estabelecer uma linguagem além da fala automática, que é comum nas relações com as crianças e que também nem sempre são construtivas. Por isso o livro traz uma série de testes (lições de casa) para que a pessoa se coloque no lugar da criança.

O entendimento é que as crianças que se sentem bem, se comportam bem, mas os pais geralmente não aceitam os sentimentos dos filhos, e falam por eles – “Você não está sentindo isso de verdade, Você só está dizendo isso porque está cansado; ou Não há motivo para ficar chateado”. A negação dos sentimentos deixa as crianças irritadas e confusas (FABER; MARLISH, 2003).

Embora o livro seja direcionado aos pais, a mesma ideia pode ser aplicada no relacionamento dos professores que atuam com as crianças na fase da educação infantil. Pois nem sempre os educadores ouvem o que as crianças estão expondo e muitas vezes agem automaticamente ou padronizam sentimentos.

Azrak (2010) ainda pontua que apenas dizer “entendo o que você está sentindo” não seja suficiente para uma criança. É melhor nomear sentimentos, para que as crianças e mostrar que está buscando entender o seu sentimento se colocando na posição dela, ou seja, acolher, pois uma resposta empática tranquiliza.

O uso das habilidades empáticas, segundo Rodrigues e Silva (2012) ocorrem em duas etapas, a compreensão, que significa prestar atenção e ouvir sensivelmente, e a comunicação, que é a verbalização como forma de demonstrar a compreensão dos que ocorreu ou o que está tentando expressar.

Del Prette e Del Prette (2005) classificam as habilidades empáticas em: observar, prestar atenção, ouvir; demonstrar interesse e preocupação pelo outro; reconhecer/ inferir sentimentos do interlocutor; compreender a situação (assumir perspectiva); demonstrar respeito pelas diferenças; expressar compreensão pelo sentimento ou experiência do outro; oferecer ajuda; compartilhar.

Citando o psicólogo educacional Haim Ginott, que expôs que “os pais não estão conscientes do poder destrutivo das palavras” e da “falta de compreensão”, Azrak (2010) destaca o quanto o elogio de uma professora a um aluno por ter tido um comportamento solidário diante dos colegas pode ser reproduzido como uma qualidade da personalidade do homem do futuro. Os pais, e também os professores, podem ser treinadores capazes de direcionar para maior capacidade e regulação dos estados emocionais.

Segundo Gottman, as crianças com preparo emocional são mais maleáveis. Elas não deixam de ficar tristes, irritadas ou assustadas em circunstâncias difíceis, mas têm mais capacidade de se acalmar, sair da angústia e procurar atividades produtivas. Em outras palavras, são mais inteligentes emocionalmente (AZRAK, 2010, p. 26).

A afetividade, que é transmitida por meio da empatia, pode ser considerado um dos principais fatores de sucesso na aprendizagem. Rossini (2001, p. 9) pergunta: “Alguém já viu criança feliz ir mal na escola?”, e completa que o fato de uma criança ter melhor ou pior desempenho de um ano para o outro na mesma disciplina muitas vezes está associado à troca de professor, portanto pode estar ligado à afetividade e empatia.

Antes as crianças não eram ouvidas e sua formação intelectual e emocional não era considerada como avaliação da qualidade da educação infantil, porém, como observa Morin (2000), a compreensão requer empatia, abertura para ouvir e se colocar no lugar do outro, o que é relevante já que a educação infantil é a base para o desenvolvimento educacional, é preciso lidar com os próprias emoções para compreender e respeitar a emoção do outro, é dessa forma que o professor é capaz de compreender como favorecer o ensino dos seus alunos.

Giancaterino (2007) afirma que o processo de construção da afetividade pelo professor na educação infantil vai muito além do carinho físico, mas deve estar especialmente associado a um preparo para se comunicar com a criança e compreender seu crescimento cognitivo para que se torne uma pessoa crítica, independente e responsável.

A escola é a segunda casa da criança, então ela deve estar preparada para acolher cada criança que nela ingressa, os professores devem estar atentos a cada sinal, e ter consciência que cada aluno tem suas particularidades e que ele deve lidar com todas, sempre em busca de um bom desempenho para cada criança (GIANCATERINO, 2007, p.74).

Segundo Del Prette e Del Prette (2005), os pais e educadores podem trabalhar em conjunto para criar oportunidades de aprendizagem de diferentes habilidades, envolvendo formas de expressar ideias, frustrações e exercer empatia. Mas pesquisa de Alho (2020) revelou que muitas vezes as avaliações da empatia que está sendo exercida são diferentes. Na pesquisa, embora os resultados das avaliações coletadas com crianças com idade média de 4 anos tenham apontado índice acima da média para empatia e assertividade, quando ocorreu a auto-avaliação, a maioria dos professores que se deram notas máximas receberam dos alunos uma avaliação não tão favorável.

Em decorrência da vocação para a profissão e pela formação profissional, os professores tendem a ter melhores habilidades sociais para lidar e agir de forma empática na educação infantil, mas essa não é uma certeza. Pesquisa de Soares et al. (2009), que contou com a participação de 49 docentes da educação infantil, apontou que os professores adquirem mais experiência e potencialidades relacionais do que os não professores.

As habilidades sociais consideradas relevantes, reunidas na literatura e listadas pelas autoras são:

habilidades de relacionamentos com pares (cumprimentar, elogiar, oferecer ajuda, convidar os colegas para brincar); 2) habilidades de auto-controle (controlar humor, negociar, lidar com críticas); 3) habilidades acadêmicas (tirar dúvidas, seguir as orientações do professor, saber trabalhar de forma independente); 4) habilidades de ajustamento (seguir regras e instruções, usar tempo livre de forma apropriada, atender pedidos); 5) habilidades assertivas (iniciar conversa, aceitar convites, responder cumprimentos). Pretende-se que as crianças sejam capazes de ter autocontrole e expressividade emocional, civilidade, empatia, assertividade, saibam resolver de problemas interpessoais, saibam fazer amizades e que apresentem habilidades sociais acadêmicas (BOLSONI-SILVA; MARTURANO; LOUREIRO, 2009, p. 238).

As pesquisadoras Bolsoni-Silva, Marturano e Loureiro (2009), que entendem que faltam instrumentos que avaliem habilidades sociais de crianças na educação infantil, criaram um questionário como instrumento de avaliações de pais e professores em relação as habilidades sociais e os déficits comportamentais, como forma de identificação, prevenção e redução de problemas de comportamento.

3 METODOLOGIA

Os estudos foram elaborados com base em pesquisa bibliográfica realizada em livros, sites e base de dados acadêmicos, especialmente o Google Acadêmico. Os conteúdos encontrados foram analisados através de abordagem qualitativa, o que permite melhor entendimento da atual situação do desenvolvimento educacional inicial com base na afetividade e empatia pela fala.

Para Gil (2017), a pesquisa bibliográfica se configura como um estudo que permite a ampliar os conhecimentos a cerca de um determinado assunto em material já publicado, seja livros, revistas, jornais, teses, dissertações e anais de eventos científicos, e novos formatos, inclusive disponibilizados pela internet., permitindo o aprofundamento sobre seus problemas e hipóteses.

A abordagem qualitativa, explica Minayo (2003) ocupa permite o uso de um conjunto de técnicas que ajuda a construir uma realidade por meio de análise de dados descritivos sobre pessoas, lugares e processos interativos. Dessa forma o pesquisador procura compreender os fenômenos segundo a perspectiva dos sujeitos, ou seja, dos participantes da situação em estudo (GODOY, 1995).

O período foco dos estudos se concentraram nas duas últimas décadas, pois em educação é necessário avaliar períodos longos de desenvolvimento para a observação de mudanças comportamentais, quanto à comunicação e comportamento, como afirmam Faber e Marlish, autoras de livros que abordam a comunicação entre adultos e crianças e a necessidade de aprendizagens e revisões constantes.

As pesquisas foram iniciadas em março de 2021 a partir da leitura de livros sobre o desenvolvimento biológico e emocional das crianças e a relação com os adultos. A percepção é de que a maioria é direcionado aos pais, mas considera-se leitura cada vez mais relevante para os professores e outros profissionais que atuam na área da educação, já que essa interatividade é importante para o desenvolvimento infantil.

Essa leitura inicial ajudou com a definição do tema e do enfoque pretendido, o que foi apresentado no projeto, relacionando principalmente questões de comunicação, afeto e empatia como fatores relevantes para a aprendizagem no início da educação básica, a educação infantil.

Buscou-se associar o tema empatia com as questões biológicas do desenvolvimento do cérebro da criança e as influências comportamentais, balizando ainda com o que prevê as diretrizes para essa etapa da educação, por isso foi consultada também a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), aprovado em 2017, que é o mais recente documento sobre alinhamento curricular para o trabalho com crianças na educação infantil, e que aborda a empatia.

Durante a leitura dos livros, dos artigos científicos, das leis, normas e diretrizes foram sendo destacados os trechos que abordavam a questão da afetividade, das emoções, da empatia e do comportamento na primeira infância, e indicativos que pudessem influenciar qualquer tipo de aprendizagem.

Dessa forma foi possível desenvolver o texto do artigo e por fim analisar questões como a influência da comunicação e o recurso de fala com os adultos,

principalmente os professores, para o comportamento e desenvolvimento das crianças no âmbito educacional.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todos os grandes teóricos que atuaram junto à pedagogia, independentemente da área - biológica, psicológica, filosófica ou educacional - concordaram que a emoção é uma importante variável de influência na aprendizagem. Considerando que a educação infantil é a primeira etapa da estruturação formal do ensino às crianças, sendo denominada por muitos anos como pré-escolar, pode-se entender que essa é uma fase muito importante de avaliação das expressões e formas de comunicação em relação ao comportamento.

Saber comunicar o que se está sentindo, mas principalmente entender o que o outro está falando, é essencial para estabelecer uma relação empática. Se colocar no lugar do outro não é falar pelo outro. É essencialmente ouvir e sentir.

Muitas vezes os adultos acreditam que, só por ser criança, aquele pequeno ser humano não sabe o que quer, porém, a literatura estudada para esse trabalho demonstra exatamente o oposto. É cada vez mais relevante escutar a criança para que seja possível desenvolver um bom trabalho educacional e contribuir para um desenvolvimento saudável, o que é também função da aprendizagem na educação infantil, já que é o início do processo de frequência e relacionamento com a educação formal.

Dessa forma, entende-se que a pesquisa apresentada demonstrou a importância da empatia para o trabalho na educação infantil. Não existem muitas publicações com o enfoque abordado, portanto, é relevante que mais estudos nesse sentido sejam desenvolvidos, inclusive com a aplicação de testes, cotidianos ou estruturados, como os citados nesse trabalho.

Acredita-se que a consciência e avaliação dos profissionais da educação em relação à empatia e fala na educação infantil é o caminho a ser seguido para contribuir com a formação da criança e um adulto mais feliz.

REFERÊNCIAS

ALHO, Naara O.G. **Habilidades Sociais e adaptação da criança à pré-escola: concepções e habilidades sociais de educadores**. Universidade Federal de São Carlos (Mestrado em Psicologia). São Carlos, 2020.

GIL, Antonio C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2017.

ANDRADE, Olga V.C.A.; ANDRADE, Paulo E. **Aspectos neurobiológicos e evolucionários da cognição e suas implicações para a educação**. In: KONKIEWITZ, Elisabete C. (Org.). *Aprendizagem, comportamento e emoções na infância e adolescência: uma visão transdisciplinar*. Dourados-MS: Ed. UFGD, 2013. 312p.

AZRAK, Dina. **A linguagem da empatia: métodos simples e eficazes para lidar com seu filho**. São Paulo: Summus, 2010.

BNCC. Base Nacional Comum Curricular. **Resolução CNE/CP nº 2**. 22 de dezembro de 2017. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/abase/>. Acesso em: 20 jun 2020.

BOLSONI-SILVA, Alessandra T.; MARTURANO, Edna M.; LOUREIRO, Sonia R. **Estudos de confiabilidade e validade do questionário de respostas socialmente habilitados versão para professores e para pais (QRSH-PR E QRSH-PAIS)**. Anais II Seminário Internacional de Habilidades Sociais. Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faperj, 2009.

CONSTANTINO, Elizabeth P. et al. **Um olhar da psicologia sobre a educação: diagnóstico e intervenção na infância e na adolescência**. São Paulo: Arte e Ciência, 2003

DAYAN, Adri. **Você já ouviu seu filho hoje?** Parceria Relacionamentos Saudáveis ELF/FISESP e Fundo de Bolsas. Canal Empoderamento e Liderança Feminina – ELF. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Q3LAgqe6Oac&feature=youtu.be>. Acesso em: 10 jun 2021.

DEL PRETTE, A.; DEL PRETTE, Z. A. P. (Orgs.). **Habilidades sociais, desenvolvimento e aprendizagem**. Campinas: Alínea, 2003.

DEL PRETTE, Z. A. P.; DEL PRETTE, A. **Psicologia das habilidades sociais na infância: Teoria e prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.

FABER, Adele; MARLISH, Elaine. **Como falar para seu filho ouvir e como ouvir para seu filho falar**. São Paulo: Summus, 2003

FELICE, Eliana M. **O lugar do brincar na psicanálise de crianças**. *Psicol. teor. prat.* v.5 n.1 São Paulo jun. 2003.

FONSECA, Vitor. **Papel das Funções Cognitivas, Conativas e Executivas na Aprendizagem: uma abordagem neuropsicopedagógica**. *Rev. Psicopedagogia* 2014; 31(96): 236-53.

FROEBEL, F.A. **A educação do homem**. Tradução: Maria Helena Câmara Bastos. Passo Fundo: UPF, 2001.

GIANCATERINO, R. **Escola, professor, aluno**: Os participantes do processo educacional. São Paulo, Madras, 2007

GUERRA, Leonor B. **10 dicas da neurociência para a sala de aula**. Revista Mundo Escolar. Disponível em: <https://revistamundoescolar.com.br/10-dicas-da-neurociencia-para-a-sala-de-aula/>. Acesso em: 15 jun 2021.

JESUS, R.M.; LEMPKE, N.N.S. Manifestações emocionais das crianças na educação infantil. **SynThesis Revista Digital** FAPAM, Pará de Minas, v.6, n.6, 309-325, dez. 2015.

KRUSZIELSKI, Leandro. **Teoria do Sistema Funcional**. Edisciplinas. USP. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/301895/mod_resource/content/1/Teoria_do_Sistema_Funcional_texto_LEANDRO%5B1%5D.pdf. Acesso em: 15 jun 2021.

MANIR, Mônica. **Como a neurociência pode auxiliar em sala de aula**. Revista Nova Escola. Ano 14. Edição 320. Março 2019. Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/16062/como-a-neurociencia-pode-ajudar-a-educacao>. Acesso em: 20 jun 2021.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2 ed. São Paulo: Unesco , 2000

RODRIGUES, M.C.; SILVA, R.L.M. Avaliação de um programa de promoção da empatia implementado na educação infantil. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, vol. 12, núm. 1, enero-abril, 2012, pp. 59-75

ROSSINI, Maria A.S. **Pedagogia Afetiva**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SALLA, Fernanda. **Neurociência**: como ela ajuda a entender a aprendizagem. Revista Nova Escola. 15 jun 2012. . Disponível em: <https://novaescola.org.br/conteudo/217/neurociencia-aprendizagem>. Acesso em: 15 jun 2021.

SAMPAIO, L. R.; CAMINO, C. P. S.; ROAZZI, A. Revisão de aspectos conceituais, teóricos e metodológicos da empatia. **Psicologia Ciência e Profissão**, v. 29, n. 2, p. 212-227, 2009.

SAMPAIO, Leonardo R.; CAMINO, Cleonice P.S.; ROAZZI, Antonio. **Psicologia Ciência e Profissão**. 2009, 29 (2), 212-227.

SAYÃO, Rosely. **Como educar meu filho?** – princípios e desafios da educação de crianças e adolescentes hoje. São Paulo: Publifolha, 2003

SIEGEL, Daniel J. **O cérebro da criança**: 12 estratégias revolucionárias para nutrir a mente em desenvolvimento do seu filho e ajudar sua família a prosperar. São Paulo: nVersos, 2015.

SOARES, Ariana B. et al. **A profissão docente é uma atividade eminentemente habilidosa?** Anais II Seminário Internacional de Habilidades Sociais. Universidade do Estado de Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Faperj, 2009.

SOUZA, F.S.; RHEINGANTZ, P.A. **Observação incorporada, experiência e empatia na API com ênfase na educação infantil**. Nutau/CNPQ, 2006. Disponível em: http://www2.gae.fau.ufrj.br/wp-content/uploads/2019/03/obs_incorp_educ_inf.pdf. Acesso em: 10 jun 2021.